

Dirceu confirma superávit maior só neste ano

Diário Público
Ministro diz que a
preocupação de Lula é
evitar que o País
enfrente turbulências

GILSE GUEDES

BRASÍLIA – O ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, disse ontem que a meta de superávit primário para 2005 e 2006 não deverá ser aumentada. Mas confirmou a elevação do superávit deste ano, atualmente em 4,25% do Produto interno Bruto (PIB). A razão, segundo ele, é que o presidente Lula quer evitar que o País passe “por turbulências”. “O superávit de 4,25% está definido para os próximos anos, disse Dirceu, admitindo que “não há decisão do presidente” sobre a possibilidade de elevar a poupança do setor público no mesmo período. Disse, ainda, que o País acumulou uma folga no superávit que permitirá até fazer os investimentos programados pelo governo.

Após participar de um encontro do Fórum das Estatais pela Educação, no Palácio do Planalto, Dirceu afirmou que não há divergências no governo sobre o aumento do superávit deste ano. Trata-se, segundo ele, de uma alternativa que já vem sendo discutida com o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, em reuniões com o presidente. Um superávit maior tem o efeito positivo sobre a dívida interna, que deixa de ser aumentada. O aumento dos juros provoca aumento da dívida interna. Em contrapartida, um superávit maior significa também que o Estado está reduzindo sua capacidade de investir.

O ESTADO DE S. PAULO

22 SET 2004

Fishlow – O economista americano Albert Fishlow considerou que o aumento da meta de superávit fiscal não trará prejuízos à economia; ao contrário, pode servir como estímulo ao investimento privado. “Eu vejo já o interesse do setor privado de investir com superávit primário maior, com redução conseqüente dos juros. O governo terá disponíveis maiores recursos que podem ser passados para o setor privado”, comentou.

Fishlow discorda da visão de que o Estado tem de investir. “Estou muito mais em favor de o Estado como poupador de recursos na primeira instância, para aumentar a taxa de poupança doméstica.” Segundo ele, o Brasil não deve se preocupar só em aumentar as exportações, mas deve ampliar também as importações, necessárias ao crescimento econômico, como de bens de capitais.

O economista participou ontem de evento sobre comércio internacional, comemorativo dos 40 anos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, no Rio. (Colaborou Nilson Brandão Júnior)